

# ANÁLISE DA CONVERGÊNCIA DOS PENSAMENTOS DE PAULO FREIRE E EDGAR MORIN: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL

SILVA, Alex Costa da – EACH, USP  
[alecs@usp.br](mailto:alecs@usp.br)

INFANTE-MALACHIAS, Maria Elena – EACH, USP  
[marilen@usp.br](mailto:marilen@usp.br)

Área Temática: Profissionalização Docente e Formação  
Agência Financiadora: Pró-Reitoria de Graduação - USP

## Resumo

Propõe-se neste trabalho, identificar e analisar os pontos em comum das concepções sobre o conhecimento, e o processo de ensino-aprendizagem, presentes no pensamento de Edgar Morin e de Paulo Freire, nas obras “*Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*” e “*Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*”, respectivamente. Ambas as obras são utilizadas na disciplina Fundamentos da Didática (FD) do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. A disciplina FD é oferecida durante o segundo semestre de cada ano para alunos do primeiro ano do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da EACH-USP. Pretende-se, com essa análise, refletir de que maneira o pensamento desses autores podem contribuir para a formação docente, com o intuito de que nela se busque questionar o conhecimento e incorporar a pesquisa em sua prática educativa. O interesse pelo estudo da convergência do pensamento destes dois autores, e a sua posterior divulgação em uma disciplina de um curso de formação de professores se fundamenta na premissa de que apenas uma aproximação teórica das idéias dos autores não é suficiente. O professor precisa ter clareza sobre a finalidade da sua prática educativa, precisa ter refletido sobre as suas concepções, confrontado as suas idéias com as idéias de alguns pensadores, e discutido profundamente pelo menos algumas delas. O professor a partir desta experiência deveria se perguntar exaustivamente – Que indivíduo vou formar? Para que sociedade? Este estudo indica que tanto a pedagogia crítica de Paulo Freire quanto os saberes necessários para a educação no século XXI de Edgar Morin não apenas se mostram atuais, como também uma necessidade urgente – em particular para aqueles que se propõem a formar professores.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Edgar Morin; Formação inicial de professores; Prática reflexiva.

## **Introdução**

A aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as pessoas penetram na vida intelectual daquelas que as cercam. A aprendizagem é fundamentalmente uma experiência social, de interação pela linguagem e pela ação (VYGOTSKY, 1984). Sob esta perspectiva, aprender é um processo de construção, reconstrução e de tomada de consciência do próprio desenvolvimento por parte do sujeito.

Para Libâneo & Pimenta, (1999), uma visão progressista do desenvolvimento profissional do professor consideraria a esses profissionais em sua capacidade de decidir e de rever as práticas e teorias que os sustentam e informam. Os referidos autores consideram que de essa forma o professor amplia sua consciência sobre a própria prática, a da sala de aula e a da escola como um todo. Isto pressupõe conhecimentos teóricos e críticos sobre a realidade. Isto é, além de uma formação disciplinar de qualidade (que deveria trilhar os caminhos da interdisciplinaridade), os professores nos seus primeiros anos de formação deveriam ter contato com outras perspectivas teóricas, como por exemplo, as convergências de pensamento de Morin e Freire, que lhes permitam analisar criticamente e compreender os diversos contextos em que se dá a sua atividade profissional. Para a compreensão destes contextos: históricos, políticos, sociais, culturais e organizacionais o professor requer perspectivas de análise, e nós acrescentamos que é fundamental que essas perspectivas sejam oferecidas ao professor desde o início da sua formação docente, isto significa desde o seu ingresso em um curso de licenciatura. Desta forma, é possível que sejam superadas as barreiras epistemológicas presentes entre os diferentes saberes (INFANTE-MALACHIAS & CORREIA, 2007).

O professor em processo de formação inicial precisa ter uma visão ampla e profunda sobre a complexa realidade onde se insere a sua prática educativa e precisa também de um espaço de reflexão sobre o sentido da mesma. No entanto, este processo de reflexão, fundamental à formação inicial do professor, como uma prática que deve ser incorporada à sua atividade profissional, tem sido mal compreendida. Em geral, nas últimas décadas tem se confundido a noção de profundidade de conhecimento com especialização, isto é, o saber muito sobre um assunto em particular, e desconhecer outros assuntos essenciais ao exercício da docência. O modelo que aparentemente tem se imposto na sociedade do conhecimento, e dessa forma também para o professor, é aquele do especialista “que sabe muito sobre quase

nada”.

A partir da perspectiva de Paulo Freire, a profundidade de conhecimento consiste em conhecer com propriedade e domínio algum assunto, seu contexto; compreender as relações que legitimam esse conhecimento e as diversas dimensões: histórica, cultural, e política de aquele saber. Por outra parte, esse conhecimento consiste também em saber os caminhos para se obter mais informações atualizadas e de qualidade sobre um determinado assunto.

Na perspectiva de Edgard Morin, o conhecimento produz cegueiras e enganos, gera certezas que podem separar e dividir, assim como na visão freireana, Morin indica de outra maneira, que existe um conhecimento pertinente que pode nos tornar mais humanos.

A preocupação de aprofundar estas questões e tentar estudar a convergência de pensamento entre Paulo Freire e Edgar Morin, surgiu a partir de algumas obras destes autores utilizadas na disciplina Fundamentos da Didática, do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. A disciplina Fundamentos da Didática é ministrada no primeiro ano dentro da proposta do Programa de Formação de Professores da USP, (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2004), e pretende contribuir para a formação inicial do professor mediante o uso de estratégias narrativas e autobiográficas. Analisa também as especificidades do trabalho docente na situação institucional escolar e busca compreender a relação professor-aluno-conhecimento, a través da análise de situações de aula, de maneira a dotar o futuro professor de condições para refletir e posteriormente criar alternativas de atuação. Entre os objetivos desta disciplina pretende-se analisar o papel da didática como elemento de iniciação na formação do professor; discutir e refletir sobre a formação da identidade do professor; propiciar elementos de discussão no contexto das relações entre educação e sociedade; identificar os principais modelos do pensamento educacional, seus representantes assim como as contribuições que cada um dos modelos apresentados oferece à ação educativa do professor de Ciências.

O propósito desta pesquisa é investigar detalhadamente algumas das idéias mais relevantes e convergentes do pensamento de Paulo Freire e Edgar Morin nas obras: *“Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa”* e *“Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”*. O foco da pesquisa está centrado em conhecer mais profundamente o pensamento destes destacados pensadores e levar o resultado e as reflexões para as aulas da disciplina Fundamentos da Didática promovendo discussões e debates que efetivamente contribuam com a formação docente.

## **Procedimentos de pesquisa**

Para começar este trabalho de pesquisa foi necessário realizar uma investigação bibliográfica pontual que permitiu selecionar, recolher, analisar e interpretar o pensamento e as idéias mais relevantes e convergentes entre os autores. Foram selecionadas duas obras, consideradas representativas do pensamento educacional dos mesmos, quais sejam: “*Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*” de Paulo Freire, (1997) e “*Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*” de Edgar Morin, (1999).

Para conhecer mais profundamente o pensamento destes destacados pensadores foram realizadas várias leituras e releituras cuidadosas destas obras. O objetivo foi produzir um texto que além de conter o resultado da investigação, isto é, quais idéias são convergentes entre Freire e Morin, contemplasse também as reflexões dos autores.

O resultado final da pesquisa permitirá elaborar um material para ser utilizado nas aulas da disciplina Fundamentos da Didática promovendo discussões e debates entre os alunos, que efetivamente contribuam com a formação docente inicial. Os professores nos seus primeiros anos de formação deveriam ter acesso a práticas dialógicas e reflexivas que desvelem as suas concepções ingênuas e lhes permitam o confronto criativo tanto com experiências quanto com perspectivas teóricas importantes para a sua formação crítica.

## **Convergências de pensamento entre Paulo Freire e Edgar Morin**

A leitura e análise das obras “*Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*” de Paulo Freire e “*Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*” de Edgar Morin permitiu uma primeira aproximação às convergências do pensamento educacional destes autores. Considerando que existe a necessidade de uma prática reflexiva do professor, e que a mesma deve começar durante a formação inicial, selecionamos algumas idéias que podem contribuir com o debate e a análise da realidade, essenciais para a formação do profissional docente. Algumas das idéias convergentes e que foram selecionadas para este trabalho são discutidas a continuação.

### ***A racionalidade***

É proposto pelos dois autores que a educação deva ensinar a pensar certo ou raciocinar. É um processo que está além daquilo que simplesmente percebemos na leitura que

fazemos do mundo, do outro e de nós mesmos. Implica estabelecer relações com o real, aquilo que podemos verificar, questionando-o e questionando-nos.

É a racionalidade que nos conduz ao conhecimento – Freire diria que é o “pensar certo”, que, em suma, tem o mesmo sentido –, mas ela não se exime dos fatores afetivos e emocionais inerentes ao ser humano. Pelo contrário, tem-nos em consideração no processo de averiguação e crítica das idéias construídas.

No entanto, a racionalidade incorre no risco da recusa à comprovação de tais idéias, o que a transforma em racionalização, não admitindo qualquer tipo de contestação, como no caso das doutrinas e dogmas.

Contra a racionalização, Morin propõe que na educação do futuro se ensine o “princípio da incerteza racional”, que consiste em submeter a racionalidade à constante autocrítica para que não se falseie. A proposta de Freire não é diferente. Segundo ele, “*uma das condições necessárias ao pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas*” (FREIRE, 1997, p. 28). O mesmo autor observa ainda que “*é difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios*” (FREIRE, 1997, p. 49).

Portanto, é a nossa própria racionalidade o que nos permite identificar nossas racionalizações. De forma mais clara, é a racionalidade que nos impede de cometer racionalizações através do autoquestionamento.

### ***A possessão pelas idéias***

Idéias são frutos da nossa criação racional ou também imaginária – como o são as lendas, as crenças, os mitos e os deuses. Surgem a partir de um ou mais indivíduos e vão aos poucos se disseminando por todo um grupo social e pode atingir também outros grupos. A partir disso, passam a dominar a sociedade, tornando-se a razão de sua existência. O indivíduo que nasce nesse meio, cresce também tomado por elas. Para Morin “*as crenças e idéias não são somente produtos da mente, são também seres mentais que têm vida e poder [e] podem possuir-nos*” (MORIN, 1999, p. 28).

Tais crenças são tão poderosas que podem levar o homem a matar ou morrer por elas, quando levadas às últimas conseqüências. Embora devamos respeitar a diversidade cultural, a legitimidade deste tipo de atitude é no mínimo questionável. Excelente exemplo é dado por

Freire ao se posicionar “*estou com os árabes na luta por seus direitos, mas não pude aceitar a malvadez do ato terrorista nas Olimpíadas de Munique*” (FREIRE, 1997, p. 15).

Afora os extremismos, ainda para Freire “*ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica*” (FREIRE, 1997, p. 125), e que a ideologia nos torna míopes. Morin também comenta a respeito, concordando que “*o mito e a ideologia destroem e devoram os fatos*” (MORIN, 1999, p. 30). Segundo ele, as idéias (idealidade, com racionalidade) são o que nos mantêm lúcidos de idéias (idealismo, produto da racionalização). Análogo a isso, Freire nos diz “*na verdade, só ideologicamente posso matar as ideologias*” (FREIRE, 1997, p. 132).

Portanto, a educação requer que tomemos consciência da própria possessão, em outras palavras, que reconheçamos a nossa miopia.

### ***A aceitação do novo***

A consciência da cegueira que nossas ideologias podem causar é necessária para que não tenhamos o que chamamos de “postura de recusa imediata” àquilo que mal se conhece porque é novo e ainda estranho. Isso exige de nós um constante estado de atenção. Tal postura é como uma fronteira que cerca nossa possibilidade de conhecer. Dessa forma, nossa curiosidade é afugentada pelas ideologias que nos dominam.

Morin alerta “*é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo*” (MORIN, 1999, p. 30). Freire também se refere a isso quando afirma que é “*tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente*” (FREIRE, 1997, p. 28). Ele se alonga nesse assunto no subtítulo “*Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação*”, onde muito bem observa, complementando a idéia de aceitação, que o critério para “*a aceitação do novo [e] recusa ao velho não é apenas cronológico*” (FREIRE, 1997, p. 35).

Assim, os velhos saberes que permanecem válidos, pois verificáveis, continuam novos. E os saberes novos, se não condizentes, tornam-se imediatamente velhos, pois inválidos.

Portanto, o que define o novo ou o velho, o que deve ser aceito ou recusado, é a validade, que precisa ser verificada. A educação deve ter e ensinar a receptividade crítica, essa disposição a explorar o desconhecido, antes de desconsiderá-lo.

### ***Incerteza e curiosidade***

Pelo que até agora foi exposto, o verdadeiro conhecimento que deve ser ensinado e aprendido reciprocamente, advém da nossa racionalidade, que, no entanto, precisa ser questionadora e autoquestionadora para que não se torne racionalização. Estamos sujeitos a não enxergá-lo – possuídos por nossas ideologias – e este, o conhecimento, está sempre se renovando, tendo como base a verificação que fazemos de sua validade.

Com isso percebemos que o conhecimento não é algo dado, estático e irrefutável. Pelo contrário, possui, e não poucos, equívocos (erros e ilusões) e não é objeto a ser distribuído por quem o detém a quem dele carece. É sim explorar e desbravar um rumo sem saber aonde vai-se chegar. Não é o feito pronto, mas o fazendo e refazendo por autores e co-autores.

Temos assim, mais uma idéia convergente: a do conhecimento como possibilidade. Ela é tratada logo no primeiro saber de Freire: “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção*” (FREIRE, 1997, p. 22).

Nas palavras de Morin: “*daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer*” (MORIN, 1999, p. 31).

E o que nos move nessas possibilidades que é o conhecimento é o que Morin denomina “incerteza”, que para Freire é a “curiosidade”. A incerteza/curiosidade do conhecimento simplista (senso comum) é a mesma presente no conhecimento complexo (epistemológico), mas o desenvolvimento deste só é possível através da nossa capacidade crítica.

### ***Conhecimento pertinente e conhecimento epistemológico***

Outros dois pontos em que ambos os autores convergem são a contextualização do conhecimento e o caráter multidimensional do ser humano e da sociedade.

Ter conhecimento não se reduz a reter informações, ao contrário do que se possa pensar num primeiro instante. Somos submetidos hoje a inúmeras informações sobre os mais variados assuntos e de diversas formas de veiculação: através de publicações impressas, do rádio, da televisão e, cada vez mais, da internet. Portanto, a dificuldade não está em obter informação. A questão é: o que fazer com esse pandemônio para que nos faça algum sentido, ao invés de parecer um amontoado de conteúdo disperso e assemântico?

Tendo em vista essa questão, Freire e Morin destacam a importância da contextualização do conhecimento na promoção de uma educação eficaz. Isso significa que é necessário ensinar a situar e articular o que se pretende conhecer em seu contexto.

De um ponto de vista mais pedagógico, Freire propõe que sejam aproveitados os saberes e as vivências dos educandos discutindo a razão de ser de suas realidades. De forma mais ampla, Morin observa que “*o conhecimento, ao buscar construir-se com referência ao contexto, ao global e ao complexo, deve mobilizar o que o conhecedor sabe do mundo*” (MORIN, 1999. p. 39). Essa integração conhecimento-conhecedor, Morin denomina “ecologização”.

No entanto, esse saber fica incompleto se desconsiderada uma segunda questão. A educação de que tanto se fala é uma especificidade humana, segundo Freire, o que nos remete a compreender, sobretudo o ser humano e a humanidade. É voltando-se a essa lacuna que os autores consideram fundamental reconhecer e assumir as diferentes dimensões humanas, tanto individuais – biológica, afetiva, psíquica e racional, por exemplos – quanto coletivas – histórica, econômica, política e religiosa.

### ***A falsa racionalidade e a burocratização da mente***

A educação que desconsidera as dimensões humanas por trás dos educandos, tratando-os de forma mecanicista e impositiva é conivente com o que Morin denomina “*pensamento tecnocrático*” – a falsa racionalidade –, que para Freire é a “*burocratização da mente*”.

Essa forma de pensar, que dominou o século XX, tolhe o diálogo e nos impede de enxergar as conseqüências de nossas práticas. A educação é constituída essencialmente pelo diálogo, que não significa apenas expor as próprias idéias, mas também expor-se às do outro. Nas palavras de Freire “*falamos com e não para o outro*”, pois, como já mencionado, a educação é composta por autores e co-autores, todos contribuem. Sem o diálogo somos dominados facilmente por nossas ideologias que nos vendam diante das conseqüências, muitas vezes negativas, de nossos atos.

O caminho indicado pelos autores é voltar-se ao humano. Morin nos questiona: “*não deveria o novo século se emancipar do controle da racionalidade mutilada e mutiladora, a fim de que a mente humana pudesse, enfim, controlá-la*”? (MORIN, 1999, p. 45).

Em relação a este aspecto Freire afirma:



Não creio que as mulheres e os homens do mundo, independentemente até de suas opções políticas, mas sabendo-se e assumindo-se como mulheres e homens, como gente, não aprofundem o que hoje já existe como mal-estar que se generaliza em face da maldade neoliberal. Mal-estar que terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo “genteficado” serão armas de incalculável alcance. (FREIRE, 1997, p. 128).

Dessa forma, a pergunta sugestiva de Morin aponta na mesma direção que a afirmação de Freire, como que num verdadeiro diálogo, alertando para o perigo da “racionalidade burocratizada” – aqui fundindo as duas terminologias.

### ***O ser humano***

A “hominização”, o “genteficar” a humanidade, apesar da confusão que o aparente pleonasma pode causar, consiste em trazer para o centro da discussão e análise o ser humano, sem perder de vista sua complexa relação com o mundo. É tornar o Homem objeto de investigação considerando o amplo contexto em que está inserido para, compreendendo-nos, passarmos à condição de sujeitos, atuando de forma consciente, crítica e ética no mundo.

Não posso pretender o avanço tecnológico e a globalização econômica sem antes conhecer o ser a quem esses processos se destinam, a quem são feitos e todas as implicações que a ele acarreta. Essa é a discussão a que deve estar voltada a educação. Educação que deve, sobretudo, assumir-se humana, reconhecendo as suas condições biofísicas e psico-sócio-culturais que também caracterizam os referidos processos.

Essas duas características fundidas em uma, é o que Morin denomina “unidualidade”. Segundo ele, o homem é “*um ser plenamente biológico, mas se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível*” (MORIN, 1999, p. 53). Ao que Freire complementa, “*quanto mais cultural é o ser, maior a sua infância, sua dependência [...] dos outros animais*” (FREIRE, 1997, p. 50). A dependência cultural do homem é o que o distingue, pelo exemplo de Morin, dos primatas logo na infância.

É notável a concordância de Freire quanto a isso, principalmente ao expor “*a construção de minha presença no mundo [...] não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente*” (FREIRE, 1997, p. 53).

Mais que duo, o ser humano é múltiplo (*unitas multiplex*), repleto de certas características comuns aos indivíduos e outras próprias de cada um. Uma das tarefas mais importantes da educação é ensinar essa complexidade, e ensinar a partir dela, pois é

compreendendo o homem que compreendemos a sua educação. Assumindo-nos como tal que podemos educar e educarmos-nos, conhecendo e superando as barreiras biofísicas e psicossócio-culturais a que estamos “condicionados e não determinados”, como diria Freire.

### ***A antropo-ética e a ética universal humana***

Inseridos nas sociedades, os indivíduos interagem entre si, criam e assimilam crenças e costumes, imprimindo a elas características específicas. Contudo, muitas crenças e costumes que existem antes do indivíduo, são por ele assimilados ou ao menos o influencia na definição de seu próprio modo de vida. Dessa forma, o indivíduo é produtor e produto da sociedade. Dessa relação recíproca surge a cultura.

Isso nos torna um pouco autores ou co-autores de cada passo dado – e não necessariamente para frente – pela humanidade, da qual somos indissociáveis. Daí a importância de pensarmos com responsabilidade cada decisão que tomamos, cada ato que cometemos, considerando as devidas conseqüências que podem causar nos âmbitos individual, coletivo, social e humano como um todo. Os avanços do conhecimento devem servir para beneficiar o homem e não para destruí-lo.

Assumir o destino humano é assumir o retorno que o mundo nos dá às intervenções que fazemos nele. Uma ética que pense a íntima relação que há entre o indivíduo e a espécie e entre a espécie e o mundo deve ser ensinada pela educação que pretenda dar ao homem um futuro de vida e não de morte.

### ***A compreensão e o saber escutar***

Uma das características mais singulares do ser humano é a linguagem. Apesar da diversidade de idiomas existentes, que são as línguas faladas pelos diferentes povos do mundo, de forma geral é inerente ao homem, não só a capacidade, mas a necessidade de se comunicar, dada a sua convivência em sociedade.

A linguagem não é apenas uma forma qualquer de expressar pensamentos, idéias e sentimentos – que bem o podem ser feitos através da arte, dos sinais, gestos e símbolos. Ela procura ser precisa, livre de ambigüidades, clara e direta. Apesar disso, essa forma de comunicação também está sujeita a ruídos, erros de interpretação, distorções e ignorância.

Portanto, comunicar não implica compreender, mas transmitir de forma inteligível – o que não “garante a compreensão” (MORIN, 1999, p. 94).

Segundo Morin, a verdadeira compreensão humana é algo mais que comunicar. É tornar-se por um momento o outro com todas as suas peculiaridades para então compreendê-lo. “*O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o ego alter que se torna alter ego*” (MORIN, 1999, p. 95).

Morin trata em ricos detalhes da compreensão reservando-lhe todo um capítulo, o IV, e é claro, porque a considera um dos saberes necessário. Mas em suma, é o que Freire denomina “saber escutar”. Façamos a comparação dos dois autores nos trechos que seguem:

*“Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre subjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”* (MORIN, 1999, p. 95).

*“Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro às diferenças do outro”* (FREIRE, 1997, p. 119).

Há de se observar que a abordagem de Morin é muito mais profunda, envolvendo a questão dos mecanismos psíquicos. Mas acredito que a *abertura* sugerida por ambos os autores não é vã coincidência. Ela é necessária para não apenas nos ouvirmos ou comunicarmos, mas para de fato nos compreendermos ou escutarmos.

### **Considerações Finais**

Assumir na aula a profundidade disciplinar e a profundidade do trabalho pedagógico, a partir da qual o professor se configura como um sujeito que ensina, e isto para qualquer um dos níveis de escolarização, significa tomar consciência da complexidade das relações que ocorrem durante o processo de ensinar e aprender. Apenas, a aproximação teórica a estas questões não é suficiente, o professor precisa ter clareza sobre a finalidade da sua prática educativa, precisa ter refletido sobre as suas concepções, confrontado as suas idéias com as idéias de alguns pensadores, e discutido profundamente pelo menos algumas delas. O professor a partir desta experiência deveria se perguntar exaustivamente – Que indivíduo vou formar? Para que sociedade?

Para atingir estes objetivos, algumas inovações intencionais podem ser introduzidas no sistema social altamente complexo como é a sala de aula. A pedagogia crítica de Paulo Freire e os saberes necessários para a educação no século XXI de Edgar Morin não apenas se mostram atuais, como também uma necessidade urgente, em particular para quem se propõe formar professores.

Podemos humanizar as relações em sala de aula, *por que a educação é um ato de amor e por isso de coragem*. Podemos tentar superar a fragmentação dos saberes e o pensamento determinista, porque *a educação não pode temer o debate, a análise da realidade*. Podemos, na nossa sala de aula, promover a tomada de consciência individual primeiro, para ser coletiva depois e, dessa forma, podem surgir alternativas de colaboração críticas e solidárias para a transformação da realidade. Para isso precisamos formar cidadãos e professores que conscientemente decidam sair do lugar comum pedagógico, porque *a educação não pode fugir da discussão criadora sob o risco de ser uma farsa*.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

INFANTE-MALACHIAS, M.E; CORREIA. P.R.M. Superando barreiras epistemológicas. **Novedades Educativas**, 201. 2007.

LIBANEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 68, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301999000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000300013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 Ago 2008. doi: 10.1590/S0101-73301999000300013.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Cortez, 1999.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pró-Reitoria de Graduação. **Programa de Formação de Professores**. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.